

DAR VOZ AO SOFRIMENTO, CONDIÇÃO DE TODA VERDADE: LEITURAS A PARTIR DA ESCOLA DE FRANKFURT

Fábio César Junges*

Resumo

O artigo apresenta uma contribuição teórica para a discussão dos direitos humanos, por meio de uma epistemologia materialista, na perspectiva da realidade assassinada, compreendida em toda a sua completude. Para tal, exigências como de dar voz ao sofrimento, de manter o olhar na realidade danificada, de rememorar a violência se apresentam como condição de não se voltar à atrocidade do passado e, acima de tudo, como condição para a tolerância e para a efetivação dos direitos humanos. A reflexão, portanto, é epistemológica e parte da contribuição dos filósofos da Escola de Frankfurt, especialmente de Theodor Adorno.

Palavras-chave: Verdade. Realidade danificada. Pensamento.

Abstract

This paper presents a theoretical contribution to the discussion of human rights through a materialist epistemology, in view of the fact murdered, understood in all its completeness. For such requirements as to give voice to suffering, to keep the look damaged in fact, to recall the violence is presented as a condition not to return to the atrocities of the past and, above all, as a condition for tolerance and for the realization human rights. The thought, therefore, is epistemological and part of the contribution of the philosophers of the Frankfurt School, especially Theodor Adorno.

Keywords: Truth. Reality corrupted. Thought.

Introdução

Este artigo emerge da convicção de que a tolerância poderá ser marco teórico para a discussão dos direitos humanos na medida em que a humanidade realizar constantemente a rememoração do passado, enquanto experiência de indignação da realidade danificada. A reflexão teórica não se dá no distanciamento para com a realidade, noção tão cara à ciência e ao pensamento ocidental, mas sim é possibilitada por situações determinadas, por contextos espaciais e temporais

* Mestre em Teologia (EST); atualmente Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia (EST), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: fabiocesarjunges@yahoo.com.br

específicos. “Dar voz ao sofrimento”, trazer o mundo danificado para dentro da reflexão para, com e a partir dele, pensar a vida, buscando interpretar os emaranhados históricos que a formam, resume o desafio desta reflexão e “é condição de toda verdade”¹.

Trata-se, portanto, de uma reflexão de cunho epistemológico. A partir da contribuição de autores da Escola de Frankfurt, especialmente a partir de Theodor Adorno, a intenção fundamental é de apresentar uma perspectiva de conhecimento que não violenta e nem assassina, simplesmente, o mundo das coisas e da humanidade, enquanto olhar audacioso que não desvia os olhos do mundo dilacerado. Se há alguma esperança de positividade e de tolerância há de ser encontrada em meio às ruínas. O mundo caído, machucado, dilacerado é o palco da redenção da humanidade. Este mundo precisa sempre de novo ser lembrado, porque somos, com as vítimas, “vítimas das mesmas condições e das mesmas esperanças malfadadas”².

O pensamento materialista

O livro, o primeiro de Bloch e que já trazia tudo o que seria sustentado mais tarde, suscitou em mim uma única revolta contra a recusa que penetra no pensamento, até em sua natureza puramente formal, e nele se prolonga. Deste motivo, que precede todo conteúdo teórico anterior, eu me apropriei tanto que acho que nunca escrevi nada que de alguma forma, latente ou aberta, não o refletisse³.

A citação acima provém de um comentário de Adorno ao “Espírito da Utopia” (1918) de Bloch. O comentário foi escrito mais de quarenta anos depois da primeira leitura que havia realizado com dezesseis anos de idade. Um elemento que se apresenta com muita força neste contexto e não tão facilmente encontrado em reflexões é a da *revolta* ou da *indignação*. Para um pensamento racionalista extremo e científico moderno, o âmbito da *indignação* parece afastar a ciência do suposto ideal de racionalidade e do suposto distanciamento para com o objeto. Mas é justamente este elemento que vai se tornar importante para Adorno. Para ele, a revolta e a indignação são constituintes do pensamento. Não se faz ciência, não há pensamento que se coloque como correto e justo que não parta, de um ou de outro

¹ ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 24.

² ADORNO, Theodor W. *Dialektik der Aufklärung*. In: ADORNO, v. 4, 2003, p. 557, p. 243.

³ ADORNO, Theodor W. *Noten zur Literatur: Henkel, Krug und frühe Erfahrung* (1965). In: ADORNO, v. 11, 2003, p. 557.

modo, da experiência da indignação da realidade danificada. A indignação, na interpretação de Mueller,

não só é motor vivencial da filosofia, como canaliza a reflexão em determinadas direções. A leitura do livro de Bloch causou no jovem Adorno uma revolta contra o estado de coisas ali refletido. Essa revolta, que “precede todo conteúdo teórico”, gerou concomitantemente uma forma de apropriação das coisas que, nas palavras do próprio Adorno, se reflete latente ou abertamente em tudo que ele escreveu desde então⁴.

Trata-se de uma experiência que precede, possibilita e sustenta o conteúdo teórico. O próprio Adorno se apropriou deste gesto corporal de base que desencadeia pensamentos, a tal ponto que tudo o que escreveu de algum modo reflete esta apropriação. Neste sentido, a filosofia de Adorno não reflete uma determinação metódica que o seguiu por toda sua vida, mas é reflexo da realidade que exige e sustenta a reflexão por ele realizada. Esta é uma das razões pela qual Adorno sempre se recusou a elaborar suas reflexões filosóficas em forma de sínteses acabadas, pois elas, antes de ser constituídas a partir de uma metódica reflexão e, como consequência, constituintes da realidade, são constituídas pelo momento histórico em que Adorno vivia.

No dizer de Mueller, a experiência da indignação “não é causal ou irrelevante para o discurso filosófico, mas justamente o seu motor vivencial”⁵. Não é uma experiência qualquer, mas sim uma experiência corporal, visceral. A experiência da indignação e da revolta que precedem e sustentam o pensamento revelam uma nova relação, uma nova postura para com as pessoas e para com os objetos. É de Bloch que Adorno, portanto, apreende elementos que vão constituir a perspectiva materialista do seu pensamento.

Nenhuma ontologia deve ser esconjurada de dentro da barriga [da botija]. O que está em vista é: se a gente só soubesse direito o que a botija, em sua linguagem de coisa, diz e ao mesmo tempo esconde, a gente saberia o que há para ser sabido, e que a disciplina do pensar civilizatório, com o ápice na autoridade de Kant, proibiu a consciência de perguntar. Esse mistério seria o contrário daquilo que já sempre foi assim e que sempre assim será, a invariância: seria aquilo que finalmente uma vez seria diferente⁶.

⁴ MUELLER, 2009, p. 94.

⁵ MUELLER, 2009, p. 87.

⁶ ADORNO, Theodor W. *Noten zur Literatur: Henkel, Krug und frühe Erfahrung* (1965). In: ADORNO, v. 11, 2003, p. 566.

Nesta leitura que Adorno realiza de Bloch fica de modo especial visível a necessária concentração do pensamento na realidade, a fim de poder falar de uma racionalidade justa e responsável. Em primeiro lugar, não se trata de olhar para aquilo que culturalmente encontra-se exposto nas vitrines. Adorno, com Bloch, olha para o rudimentar, sendo uma velha botija um destes objetos. Uma botija abandonada no quintal de uma casa, deslocado pela ordem cultural como insignificante, precisa ser considerada pelo pensamento audacioso. Não se trata simplesmente de considerar as antigas proporções da botija tal e qual ela tinha quando criada. Não importa, também, o que a botija é. Há que se considerar o que, no devir de sua história, foi se agregando a ela.

Epistemologia audaciosa

Numa botija abandonada não se encontra nada de espetacular e belo segundo os padrões da cultura vigente. Mas é justamente isto que precisa ser considerado pela reflexão audaciosa, pois “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”⁷, no dizer de Benjamin que também muito influenciou Adorno. “A reflexão audaciosa busca conquistar para o pensamento aquilo que a reflexão cautelosa dele eliminou, inocência”⁸. A cultura ocidental ensinou a desviar o olhar do passageiro, do violentado, do oprimido, do fugaz, do culturalmente feio, do rudimentar, do simples. Preservar o olhar no que foi agregado na velha botija ao longo de sua história se apresenta como a utopia epistemológica de Adorno e de Bloch. “Isso, segundo Adorno, ‘coloca a filosofia de Bloch em contato com o inferior, separado da cultura, aquilo que é abertamente esculachado’⁹.”

Este olhar, contudo, não se dá de qualquer modo. Não é tarefa do pensamento simplesmente dissecar a botija e ver o que se encontra nela; também não é sua função extrair uma ontologia de dentro de sua barriga. A epistemologia audaciosa se volta para aquilo que a reflexão cautelosa eliminou como parte do pensamento. Como já assinalado, aqui é enunciada uma nova postura epistemológica. Não é questão de o sujeito impor a sua perspectiva de leitura à

⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 223.

⁸ ADORNO, Theodor W. *Noten zur Literatur: Henkel, Krug und frühe Erfahrung (1965)*. In: ADORNO, v. 11, 2003, p. 565.

⁹ MUELLER, Ênio Ronald. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 106.

realidade enquanto tal, mas permitir que ela, enquanto linguagem própria expresse e ao mesmo tempo esconda aquilo que não gostaria de expressar.

No pensar civilizatório, além do sujeito impor a sua perspectiva de compreensão, não permitindo o outro, em sua linguagem de outro, expressar-se, especialmente calou a voz do outro. Ou seja, o pensar civilizatório procurou dissecar ao máximo a realidade e extrair absolutamente tudo o que lhe parecia necessário. Permitir ao outro se expressar é, portanto, a utopia do pensamento de Bloch e de Adorno. Utopia porque na história do pensamento ocidental isto ainda está longe de se realizar. Realizando-se, contudo, esta epistemologia audaciosa utópica, a realidade finalmente seria diferente do que sempre foi determinada a ser. Surgiria, enfim, uma nova cor no acinzentado conhecimento do pensar civilizatório.

Portanto, uma das principais influências que Adorno “sofreu” de Bloch está na nova relação que este estabelece para com a realidade. Esta, antes de estar à disposição do sujeito, é condição para que o próprio sujeito se reabilite. A primazia conferida por Adorno à realidade é possibilidade do sujeito novamente se encontrar. Ao objetivar a realidade em que se encontra, o sujeito, que faz parte desta mesma realidade, também se objetivou. O único modo de se reabilitar enquanto sujeito é devolvendo à realidade a sua condição própria, sem ser novamente enclausurada em esquemas de dominação e de objetivação. Em outras palavras, o mundo é marcado por uma fatura de conteúdo, que já não pode ser visto e nem se expressar devido à clausura em que foi colocado.

Na objetivação da realidade, o sujeito deixou de perceber que ela é e pode ser muito mais do que aquilo a que foi condicionada e submetida a ser. E, como consequência, o próprio sujeito se encontra preso aos limites que ele próprio se impôs ao encapsular a realidade em esquemas subjetivos prévios. Decorre que por mais que as experiências subjetivas parecem se fazer próprias e individuais em cada sujeito, estas não passam de aparências, uma vez que o sujeito não consegue mais perceber possibilidades de realização naquilo que se apresenta de modo diferenciado. O sujeito, portanto, vive a ilusão de que faz experiências individuais e próprias, especialmente por força sugestiva da indústria cultural, mas que na verdade não passam de uma mera ilusão.

A libertação do ser humano da clausura em que ele mesmo se colocou na dominação da realidade é a tarefa do pensamento e de toda a educação. Trata-se de uma incondicional confiança recíproca entre seres humanos e coisas. Isso significa uma relação diferenciada, implicando também uma nova relação com os sujeitos que se coisificaram. Acontece, no entanto, que a clausura é tão ampla que, para as pessoas, parece que a realidade é necessariamente como atualmente é. Mueller vai chamar isto de “recalcamento do utópico”¹⁰. O aparato social encontra-se de tal modo endurecido que dificilmente as pessoas conseguem ver o mundo de modo diferente do que ele se apresenta diante dos seus olhos. A condição social vigente parece ser a única forma possível de organização social. Contudo, apesar de todo recalcamento, vez por outra abrem-se algumas fissuras não totalmente recobertas pelo sistema.

Minha tese a esse respeito seria a seguinte: que, no mais íntimo, todas as pessoas, admitindo isto a si próprias ou não, sabem: seria possível, poderia ser diferente. Elas poderiam, não só viver sem fome e provavelmente sem medo, mas também como livres. Ao mesmo tempo, porém, e em todo o mundo, o aparato social se endureceu de tal modo em relação a elas que aquilo que está diante dos seus olhos como possibilidade palpável, como a evidente possibilidade de realização, se apresenta a elas como radicalmente impossível¹¹.

O recalcamento da utopia é evidente. Mas esta não é a última palavra. As pessoas, mesmo não admitindo para si mesmas, mesmo afiançadas ao mundo como ele é, sabem que seria possível da realidade ser diferente. Neste caso, restam possibilidades para o pensamento, enquanto negação determinada da situação enquanto tal. E esta, ao ser revelada como falsa, aponta para aquilo que poderia vir-a-ser. Uma das formas de fugir do enclausuramento da realidade, enquanto negação dela, é o ato de brincar. O brincar é uma forma determinada de negação daquilo que meramente é. O brincar é subversivo por criar, mesmo que por instantes, uma realidade que não se rege pelas determinações e realizações vigentes.

A negatividade levada a sua completude

Não se encontram no texto de Adorno, contudo, apenas elementos afins com o pensamento blochiano. O filósofo do singular, do singular e do rudimentar, ao modo de Hegel, prefere o sacrifício do fragmentário em nome de um novo sistema,

¹⁰ MUELLER, 2009, p. 97.

¹¹ ADORNO *apud* MUELLER, 2009, p. 97.

revelando a “profunda e insuperável antinomia”¹² de seu pensamento. Em suas reflexões da velha botija, esta é concebida novamente como um exemplar, sendo eliminada a possibilidade de dizer o seu nome, a sua história, a sua individualidade. Não há espaço, na totalidade utópica de Bloch, para botija, em sua linguagem de coisa, expressar o seu nome. É concebida como sendo simplesmente uma botija, como tantas outras, o que configura a tendência à ontologização do seu pensamento.

Adorno e Bloch se aproximam no que diz respeito à procura de vestígios de esperança em meio ao singular, o rudimentar, o simples, o primitivo. A diferença, no entanto, é que Bloch procura vestígios positivos de esperança, enquanto Adorno olha para o passado e reflete sobre a não realização utópica do que se anunciava como esperança para a humanidade. Bloch conduziu Adorno até a estação do materialismo, do olhar para as pequenas coisas não dotadas de intencionalidade. E neste olhar para as pequenas coisas, para o rudimentar, para o danificado, Adorno vê utopias não realizadas e se recusa a imagear de modo positivo a utopia, ao contrário de Bloch.

Enquanto Bloch se concentra nos vestígios “positivos” da esperança, alimentados pela suposição de um fundamento ontológico da realidade, mesmo que não no seu passado, mas no seu futuro, Adorno medita nas utopias realizadas e na frustração com as mesmas [...]. Enquanto para Bloch os vestígios que ele percebe se tornam símbolos de um poder-vir-a-ser, para Adorno eles permanecem sinais dentro de uma solitária garrafa jogada em mar turbulento, da qual não se sabe sequer se alguém um dia dará com ela e tentará decifrar sua mensagem¹³.

Adorno não procura vestígios positivos da esperança. Pelo contrário, reflete sobre as não realizações da utopia. Não vê vestígios de esperança, pois a sombra de *Auschwitz* tudo encobre. Benjamin, de modo similar, aponta para a história da realização humana como um amontoado de ruínas sobre ruínas. Fazendo uso das palavras de Benjamin, pode-se dizer que enquanto Bloch olha para o futuro e vê nele vestígios de realização da utopia (progresso), Adorno, tal como o “Angelus novus da história”¹⁴ descrito por Benjamin, vê um amontoado de ruínas que se estendem até o céu. Ao invés de mirar os seus olhos para o futuro, Adorno os

¹² ADORNO, Theodor W. *Noten zur Literatur: Blochs Spuren* (1959). In: ADORNO, v. 11, 2003, p. 248.

¹³ MUELLER, 2009, p. 116.

¹⁴ BENJAMIN, 1994, p. 226.

mantêm na catástrofe, com a intenção de “acordar os mortos e juntar os fragmentos”, na convicção de que, caso haja alguma esperança, esta inicia vendo e indicando a catástrofe.

Para Adorno, a única forma de utopia “encontra-se essencialmente na negação determinada daquilo que meramente é e que, com isso, ao se concretizar como falso, ao mesmo tempo sempre aponta para aquilo que deve ser”¹⁵. Na negação determinada, a esperança poderá se amalgamar em seu contrário, como Adorno reflete ao final de “Minima Moralia” (1951): “a negatividade levada à completude, uma vez mirada bem nos seus olhos, se amalgama em escrita inversa do seu contrário”¹⁶. A recusa de nomear a positividade é uma exigência da própria história. Se há alguma positividade esta se encontrará na negatividade levada a sua completude.

Conclusão

Não são poucos os críticos de Adorno que apontam para a impossibilidade de seu movimento dialético, justamente por insistir radicalmente na negatividade. Também não são poucos os que veem em Adorno um pessimista radical. Há, neste caso, uma confusão entre pessimismo e negatividade dialética determinada. A desesperança, que paradoxalmente se revela como esperança, somente é percebida por aqueles olhos que recusam se desviar da negatividade que emana da realidade dilacerada. A exigência adorniana de perder-se irreservadamente no objeto requer um pensar menos violento e mais cauteloso; menos impositivo, atento à realidade.

“Os destroços da história contêm, assim, sua possibilidade e sua esperança. Só desde eles pode-se ‘preparar o instante’, como Adorno vai dizer de Benjamin; o instante que, enigmaticamente, a história pode reverter”¹⁷. A esperança se desprende na resistência à volta da atrocidade. Narrar novamente a história é condição de possibilidade de não se voltar ao horror passado. A não incorporação da história, especialmente do condenado e do violentado, impede a reabilitação do

¹⁵ ADORNO *apud* MUELLER, 2009, p. 101.

¹⁶ ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben* (1951). In: ADORNO, v. 4, 2003, p. 283.

¹⁷ MUELLER, 2009, p. 193.

sujeito como humano e deixa abertas possibilidades do retorno da violência e da não tolerância, e impossibilita qualquer discussão e efetivação dos direitos humanos. Portanto, permitir ao violentado dizer a sua palavra é condição primeira para se falar de direitos humanos.

Referências

ADORNO, Theodor W. Dialektik der Aufklärung. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 4. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, p. 8-336.

_____. *Dialética negativa* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben (1951). In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 4. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, p. 12-303.

_____. Noten zur Literatur: Blochs Spuren (1959). In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 11. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, p. 233-250.

_____. Noten zur Literatur: Henkel, Krug und frühe Erfahrung (1965). In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 11. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, p. 556-566.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MUELLER, Ênio Ronald. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.